

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

As ciências do espírito no âmbito da discussão interdisciplinar

Edmar Luis da Silva*

Resumo: Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) é considerado com um dos principais teóricos das ciências humanas. Este reconhecimento é, sobretudo, fruto do seu esforço de fundamentação epistemológica das chamadas *ciências do espírito*. Apesar de não ter sido o único de sua época a falar sobre isso, sua notoriedade se deu, em grande medida, por conta da escolha da história como o elemento articulador do conhecimento.

Palavras-chave: Ciências do Espírito – História – Dilthey.

Abstract: Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) is considered one of the most important theorists in human sciences. This recognition is a result of his struggle to establish the epistemological base for the called sciences of the spirit. Even though he was not the only one to talk about this subject, his notoriety is a consequence of the fundament he had chosen for the human sciences: the history.

Keywords: Human Sciences – History – Dilthey.

O trabalho de fundamentação epistemológica das ciências do espírito foi a tarefa primordial da teoria do conhecimento elaborada pelo historiador e filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833 – 1911). Toda sua vida intelectual foi dedicada à demonstração de como as ciências do espírito se articulam por meio de uma teoria e metodologia independentes das utilizadas para as ciências naturais. Para cumprir tal tarefa, Dilthey parte de uma exposição histórica do problema do conhecimento aplicado à história. Dilthey faz uma compilação histórica das ciências do espírito, tentando, assim, demonstrar como em diferentes épocas, pensadores responderam à questão da possibilidade do conhecimento da experiência humana. Tal como a história, todo campo disciplinar deve ter seu percurso histórico investigado, pois só assim podemos ter uma idéia do grau de seu desenvolvimento. A exposição histórica é, portanto, para Dilthey, o primeiro passo da elaboração teórica do conhecimento.

O objeto dessa história é a vida no tempo por meio de suas expressões. Esta vida temporal se dá, sobretudo, como experiência vivida. Por sua vez, tal experiência só pode ser *visualizada* quando se expressa. Como a vida é uma explosão de impulsos diversos e múltiplos, logo há diferentes formas de se compreender e analisar essa vida que passa. A vida

* Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Escola Americana de Belo Horizonte.

se dá como uma realidade multifacetada, como uma *colcha de retalhos*. O aparente caos da realidade é preenchido pelo sentimento da vida que é algo comum entre os sujeitos históricos. Assim temos que, ao fim e ao cabo, o que legitima a teoria das ciências do espírito é, em última instância, a própria vida.

Por esse caráter multifacetado, há uma dificuldade de se elevar a vida ao conceito. Esse mundo vital é, aparentemente, caótico e parece escapar a toda e qualquer tentativa de explicação científica. *Como compreender essa vida no tempo, que parece nos escapar por entre os dedos?* Questionaria Dilthey por toda sua vida. (Dilthey, (1883) 1949). Ao tratar do conhecimento histórico essa questão seria sempre colocada como ponto norteador de suas pesquisas. *É possível elevar a vida ao conceito?* Dilthey chega a ser repetitivo na insistência da questão e, se, ao final de sua vida, acaba chegando à conclusão de que, do caminho proposto, ele havia percorrido somente a metade, isso significa que Dilthey levou essa angústia epistemológica para o seu túmulo. No entanto, devemos nos perguntar: *teria sido Dilthey um intelectual frustrado?* A resposta a essa questão nos remete ao texto autobiográfico intitulado *Der Traum* (O Sonho) proclamado por ele em comemoração ao seu septuagésimo aniversário.

No ano de 1903 Dilthey apresentou por meio do seu discurso as principais diretrizes de sua filosofia. Seu texto é um autoretrato eminentemente metafórico que se inicia com sua chegada ao castelo de seu amigo Klein-Ols. Numa noite agradável e estrelada, Dilthey trava um diálogo amigável com seu amigo sobre a história da filosofia. Após uma longa conversa, recolheu-se em um dos aposentos para hóspedes no qual estava sobre a cabeceira da cama o quadro de Rafael *A Escola de Atenas*. Dilthey fitou o quadro até adormecer.

Já no início do seu sonho, a conversa com seu amigo e a impressão do quadro ficaram ressoando em sua mente e começaram a se misturar. Os filósofos citados, à medida que conversavam, ganhavam corpo e vida. Pôde reconhecer, logo de início, Bruno, Descartes, Leibniz e muitos outros que formavam um grupo à esquerda. À medida que os filósofos adentravam no recinto, os muros do templo iam se esfacelando e, nessa mesma proporção, o grupo aumentava. No lado direito, estavam Arquimedes e Ptolomeu. Juntaram-se a eles, os filósofos que buscam explicações universalizantes para as coisas, sob a conexão de leis naturais. Esse é o grupo, segundo Dilthey, dos que subordinam o espírito à natureza. Dilthey o chamou de materialista-positivista. Entre seus componentes estavam D'Alembert e Comte. Este último era ouvido com muita atenção pelos restantes. (Dilthey (1903) 1949).

No centro se formava um outro grupo onde se encontravam Sócrates, Platão, Santo Agostinho e outros. A conversa desses homens girava em torno da possibilidade de se unir a filosofia clássica com o cristianismo. Repentinamente, Descartes e Kant saem do grupo dos matemáticos e se juntam a essa conversa. Imediatamente, forma-se outro grupo em volta de Kant composto por Schiller, Fichte, Carlyle, Ranke, Guizot e outros historiadores. (Dilthey (1903) 1949).

À esquerda se agrupavam Pitágoras e Heráclito que pareciam contemplar a harmonia do universo. Para escutá-los, aproximaram-se Bruno, Espinoza, Leibniz e os *jovens* Schelling e Hegel. Dilthey sentia nesses homens uma vocação poética escondida sob seus sistemas. Juntou-se a eles Goethe que trazia consigo todos os seus personagens: Fausto, Wilhelm Meister, Efigênia, Tasso etc. (Dilthey, (1903) 1949).

Os grupos se formavam e se desfaziam constantemente. Havia homens que saltitavam de um grupo a outro, sem se fixar em lugar algum. Pareciam querer mediar um diálogo entre as correntes de pensamento, contudo, o esforço era inútil, pois a medida que o tempo passava, os grupos se distanciavam. Dilthey corria em vão de um para o outro na esperança de reconciliá-los, mas não obteve sucesso. As figuras começaram, então, a desaparecer até que, finalmente, Dilthey despertou do seu sonho. Ainda desnortado pelo sonho interrompido, Dilthey olha para as estrelas que ainda reluziam no céu e começa a refletir sobre os esforços que os homens lançaram mão para desvendar o universo. Religiosos, poetas e filósofos sempre tentaram explicar o que havia sobre e sob as estrelas. Cada qual proporcionando uma explicação diferente sobre os mistérios da vida. Todas elas com sua visão particular do mundo (*Weltanschauung*).

Esse sonho nos mostra como Dilthey concebe o conhecimento humano sobre a história. Dilthey não qualifica tais visões como melhores ou piores, mais ou menos exatas, mas tenta localizá-las historicamente, isto é, tenta entender como tais visões puderam responder às angústias de uma determinada época e qual foi sua importância na vida das pessoas. Dilthey buscou analisar tais perspectivas sobre a vida a partir de sua localização histórica, portanto, como experiência vivida. (Dilthey (1903) 1949).

Dilthey não se perscrutava acerca da qualidade das explicações sobre o universo, mas concentrava-se na inserção histórica dessas explicações. Toda concepção de mundo se fundamenta dentro das limitações de um pensamento historicamente localizado, logo, são verdadeiras dentro de um contexto. Por isso, não há uma realidade única. Como dizia Dilthey não podemos ver a luz pura da verdade, mas somente suas versões fragmentadas em raios de cor. (Dilthey, (1883) 1949: XXIV). A realidade é como uma “colcha de retalhos” que é

construída lentamente, resultante de muitas “costuras” podendo ser vista de diversas maneiras. A riqueza de uma colcha não está na sua homogeneidade, mas sim na possibilidade de junção dos mais diversos retalhos. Sua beleza reside na diferença, na heterogeneidade. A colcha representa o mundo histórico porque é complexa e múltipla. A forma da história se dá à medida que a vida segue seu transcurso. Cada experiência de vida compõe o mundo histórico, tal como o retalho compõe a colcha. Assim, a história é uma unidade composta pela diversidade. E se, por um lado, a diversidade dos retalhos poderia criar algo amórfico, por outro, passo a passo os retalhos ganham forma, tornando-se componentes de um todo integrado e belo. (Dilthey, (1903) 1949).

O pesquisador que investiga a história tem uma difícil tarefa: de compor o todo às partes. Tal como ocorre na costura, o pesquisador precisa possuir uma noção prévia da realidade que investiga, uma espécie de antevisão que o habilita tomar em suas mãos, articuladamente, a realidade que se pretende investigar. A partir dessa visão estruturada, o investigador terá um melhor entendimento daquilo que ele irá investigar. Ele poderá, portanto, se enveredar pelo mundo da diferença, pois compreender significa deixar-se seduzir pela beleza dos detalhes. Mas, os “retalhos” sozinhos seriam descartados e perderiam a importância. Isolados não teriam sentido. Porém, uma vez reunidos, colorem a “colcha” (história), dando-lhe forma e estrutura.

Dilthey quer mostrar com essa metáfora que, para além de um mero jogo de palavras, a composição do todo com as partes é um processo complexo e, fundamentalmente, dinâmico. Essa dinâmica é o ritmo da história. Essa metáfora da colcha complementa o seu *Sonho*, no qual procura enfatizar a impossibilidade de fundir sob um mesmo sistema as mais diversas concepções de mundo construídas ao longo da história. Uma colcha – tal como a história – por mais bem costurada que esteja, será sempre colorida. No campo das ciências do espírito, as teorias são historicamente delimitadas e não conseguem explicar o mundo de forma absoluta. Por isso, o grande defeito do pensamento metafísico foi sempre o de tentar conceber sob uma explicação unívoca todo o universo histórico. Como o *Sonho* enfatiza, Dilthey é cético em relação a fusão de concepções e pensamentos tão diversos. O máximo que pode ser feito é propiciar a eles um diálogo por meio da história. A unidade histórico-social pretendida pelo pensamento metafísico não está dada a priori. O sujeito do conhecimento que toma a realidade já feita tem uma noção sintetizada dela. Ele sabe que a história é resultado de uma diversidade de experiências e é essa característica que deve ser ressaltada. A história, por tratar da diferença, não reduz esses sistemas à uma explicação unicolor do mundo, pois seu objetivo deve ser o de compreender o processo histórico de “costura” da vida, ressaltando a

diversidade. A história entende que, cada qual, em seu tempo, tem uma visão diferente dessa “colcha” (história). O historiador que olha para o mundo já vivido, deve saber que ele não pode abranger por meio de sínteses tudo o que ocorreu. O conhecimento se dá, sobretudo, pela articulação das partes, pois nelas já está contida a noção do todo. Seria limitado o tipo de pensamento que acreditasse poder esgotar os significados da história. O historiador sabe da limitação do seu conhecimento, por isso, diante de um objeto já pronto, ele se perguntará: quais “retalhos” o compõem?

Como Dilthey tenta mostrar em seu *Sonho*, as disciplinas que investigam o mundo histórico não possuem uma unidade estrutural estática, a partir da qual poderiam ser enquadradas como o objetivo de serem apreendidas pelo conhecimento natural. Elas têm uma forma própria de desenvolvimento e de se relacionarem com a realidade. As disciplinas foram articuladas ao longo da história por interesses diversos e com objetivos distintos. Essas articulações tiveram em cada época um significado próprio e localizado. Por meio de um histórico das ciências particulares do espírito, Dilthey quer mostrar a articulação do seu projeto histórico com o epistemológico. Só por meio do histórico das disciplinas que investigam a realidade histórico-social, Dilthey pôde estabelecer a base epistemológica desse conjunto de ciências. Nesse sentido ele afirma

O caráter prolixo da parte histórica não se deve unicamente às necessidades de uma introdução, senão que obedece também à minha convicção acerca do valor que corresponde à interiorização (Innewerden) histórica junto à gnosiológica. (Dilthey, (1883) 1911: 7).

Só por meio de uma avaliação histórica da metafísica, por exemplo, pode-se refutá-la. É a história que esclarece para Dilthey como as disciplinas das ciências humanas eram manipuladas pela metafísica. Pela investigação histórica, sabe-se hoje que o objetivo da metafísica era homogeneizar a realidade por meio de um discurso universal. Entretanto, o ocaso da metafísica e o surgimento da consciência histórica trouxeram para Dilthey a certeza de que a realidade está em constante mudança e, portanto, as ciências que pretendem investigá-la estão também sujeitas a essa mesma dinâmica histórica.

Dilthey entende que as ciências do espírito não podem ser homogeneizadas. Nenhuma ciência é capaz de apreender o todo da vida histórica. Há apenas visões parciais da realidade ou “leituras”. “As teorias acerca da vida histórico-social fazem recortes na massa terrivelmente complicada dos fatos que lhes interessam para poderem penetrá-la” (Dilthey, (1883) 1949: 85). Cada sujeito histórico compreende o mundo de uma forma diferente. E se

pensarmos que as disciplinas resultam do esforço de várias pessoas e épocas, podemos concluir que é impossível para as disciplinas chegarem à compreensão total do mundo.

Por se fundamentar na vida histórica, toda e qualquer ciência tem um aspecto histórico. As ciências do espírito se conectam intimamente com a realidade histórico-social. Elas se fundamentam em fatos históricos, bem como nas leis que regem esta realidade. A vida histórica é o ponto a partir do qual, toda e qualquer ciência humana inicia suas considerações. É a vida que busca sua própria inteligibilidade. Mas o elemento histórico é apenas um aspecto, completando-o o elemento teórico. A ciência que parte da história deve empreender uma operação de síntese que prescreva as principais características de seu campo disciplinar. Assim temos que, as ciências do espírito só poderão ser articuladas por meio de uma crítica da razão histórica, isto é, por meio de uma conexão histórica que perpassa toda vida humana. Nenhum outro teórico das ciências ressaltou tanto a importância da história como Dilthey, tanto que, a esse respeito, Rickman se manifestou da seguinte forma:

No meu ponto de vista, Dilthey produziu a mais coerente, compreensível, científica e frutífera filosofia dos estudos humanos na história do pensamento. Muitos pensadores acerca desse assunto estão, desde a sua época, seguindo seu rastro. (Rickman, 1988: 164).

Por ter acreditado demais na história Dilthey foi criticado por correntes científicas de sua época e seu trabalho foi acusado de ser desorganizado e não obedecer a um sistema. Mesmo diante das críticas, Dilthey permaneceu firme no propósito de conhecer a vida e fundamentar a história. Por ter sido tão inovador, os seus contemporâneos não poderiam tê-lo compreendido melhor. Hoje sabemos que os problemas e discussões que ele suscitou são produtos de sua época, mas a paixão que tinha pela vida o diferencia dos homens dos circuitos acadêmicos de então que estavam demasiadamente preocupados com a depuração científica. Para Dilthey, a vida é o único aporte seguro do conhecimento histórico, tudo o mais é sua criação. Enquanto não aprendermos de que a vida concreta é aquilo que nutre o conhecimento, enquanto não percebemos que por detrás dos números e conceitos estão vidas, enquanto não nos dermos conta de que as estatísticas falam de vidas, enquanto estivermos falando de neutralidade do conhecimento, menos apaixonados seremos e, portanto, menos o conhecimento histórico será importante.

A propalada crise de identidade das ciências humanas talvez pudesse ser resolvida se estivéssemos mais atentos àquilo que compõe os nossos escritos: a vida. Contudo, ao invés de tomarmos e discutirmos com paixão o conhecimento que produzimos, preferimos nos contentar com a produção de textos esteticamente compostos para que vendam e se tornem lindos objetos de vitrines e estantes, como objetos de fetiche intelectual. Se não formos capazes de falar da vida, não valerá a pena dedicar-nos à história, pois o que fomos e o que somos, diria Dilthey, só a nossa vida pode nos dizer.

Referências Bibliográficas

DILTHEY, W. *Crítica de La Razón Histórica*. Tradução e prólogo: Carlos Moya Espí. Barcelona: Ediciones Península, 1986.

DILTHEY, W. *Estructuración del Mundo Histórico por las Ciencias del Espiritu*. In: **El Mundo Histórico**. Tradução e prólogo: Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

DILTHEY, W. *Introduccion a las Ciencias del Espiritu*. Tradução e prólogo: Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, (1883) 1949.

DILTHEY, W. *La Comprensión de otras personas e de sus manifestaciones vitales*. In: **Crítica de la Razón Histórica**. Tradução e prólogo: Carlos Moya Espí. Barcelona: Ediciones Península, 1986.

DILTHEY, W. *O Sonho*. In: **Introduccion a las Ciencias del Espiritu**. Tradução e prólogo: Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, (1903) 1949.

DILTHEY, W. *The Rise of Hermeneutics*. In: **Hermeneutics and the Study of History**. Tradução e introdução: Rudolf Makkreel. Princeton: Princeton University Press, 1985.

RICKMAN, H. P. *Dilthey Today: a critical appraisal of the contemporary relevance of his work*. New York: Greenwood Press, 1988.